

FRENTE: FILOSOFIA

PROFESSOR(A): JOÃO SARAIVA

ASSUNTO: A HISTÓRIA DA FILOSOFIA (RAZÃO E FÉ NA IDADE MÉDIA)

EAD – MEDICINA

AULA 04



Resumo Teórico

Introdução

A Idade Média compreende o período que vai da queda do Império Romano (séc. V) ao séc. XV. São 10 séculos ou mil anos de história, em que se consolida o Feudalismo, com a nobreza no poder.

Esse período é marcado pela força espiritual e política da Igreja Católica. A nobreza é ignorante, o conhecimento fica restrito aos mosteiros. A grande questão discutida é a relação entre a fé e a razão, entre filosofia e teologia.

A filosofia cristã comportou dois grandes períodos: o da Filosofia Patrística e o da Filosofia Escolástica.

2º Período: Filosofia Patrística (séc. I d.C. ao séc. VII d.C.)

É anterior ao início da Idade Média, mas é o período em que se faz a síntese da doutrina cristã e da filosofia grega, tendo forte influência para a filosofia medieval.

Inicia-se com as Epístolas de São Paulo e o Evangelho de São João. A Patrística vem dos apóstolos Paulo e João e também de padres da Igreja, que foram os primeiros dirigentes espirituais e políticos da Igreja após a morte dos apóstolos. Com o desenvolvimento do cristianismo, tornou-se necessário explicar seus preceitos às autoridades romanas e ao povo. Não podia ser pela força, mas tinha que ser pela conquista espiritual.

Os primeiros pensadores padres elaboraram textos sobre a fé e a revelação cristã. Buscaram conciliar o cristianismo ao pensamento filosófico dos gregos, pois somente com tal conciliação seria possível convencer e converter os pagãos da nova verdade. Tenta-se basear a fé em argumentos racionais.

A filosofia patrística liga-se, portanto, à tarefa religiosa da evangelização e à defesa da religião cristã contra os ataques teóricos e morais que recebia dos antigos. Divide-se em **Patrística Grega** (ligada à Igreja de Bizâncio) e **Patrística Latina** (ligada à Igreja de Roma), e seus nomes mais importantes foram: Justino, Tertuliano, Atenágoras, Orígenes, Clemente, Eusébio, Santo Ambrósio, São Gregório Nazianzo, São João Crisóstomo, Isidoro de Sevilha, Santo Agostinho, Beda e Boécio.

A patrística foi obrigada a introduzir ideias desconhecidas para os filósofos greco-romanos: a ideia de criação do mundo, de pecado original, de Deus como trindade una, de encarnação e morte de Deus, de juízo final ou de fim dos tempos e ressurreição dos mortos etc. Precisou também explicar como o mal pode existir no mundo, já que tudo foi criado por Deus, que é pura perfeição e bondade. Introduziu, sobretudo, com Santo Agostinho e Boécio, a ideia de “homem interior”, isto é, da consciência moral e do livre-arbítrio, pelo qual o homem se torna responsável pela existência do mal no mundo.

Para impor as ideias cristãs, os padres da Igreja as transformaram em verdades reveladas por Deus. Por serem decretos divinos, seriam dogmas, isto é, irrefutáveis e inquestionáveis. Dessa forma, o grande tema de toda a Filosofia Patrística é o da possibilidade de **conciliar razão e fé**.

Santo Agostinho de Hipona (354-430)

O principal nome da patrística é Santo Agostinho, bispo de Hipona, uma cidade no norte da África. Santo Agostinho retoma a dicotomia de Platão, mundo sensível e mundo das ideias (mundo perfeito), mas substitui o mundo das ideias pelo mundo divino, e para se alcançar o mundo divino (o mundo perfeito), era preciso seguir o caminho da fé.

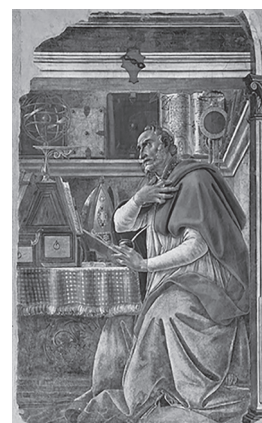
Para Santo Agostinho, “o homem é uma alma racional que se serve de um corpo mortal e terrestre”; expressa assim um conceito antropológico básico. A alma possui duas razões: a razão inferior e a razão superior.

A **razão inferior** tem por objeto o conhecimento da realidade sensível e mutável: é a ciência, conhecimento que permite cobrir as nossas necessidades. A **razão superior** tem por objeto a sabedoria, isto é, o conhecimento das ideias, do inteligível, para se elevar até Deus. Nesta razão superior dá-se a iluminação de Deus.

Segundo sua **teoria da iluminação**, Deus nos dá o conhecimento das verdades eternas e ilumina a razão. A salvação individual depende da submissão total a Deus. Santo Agostinho ressalta a vinculação pessoal do homem com Deus, enquanto a Filosofia Grega identifica o homem com o cidadão e a política. Para ele, só é possível alcançar a verdade das coisas por meio da luz de Deus, no íntimo de nossa alma.

As obras de Santo Agostinho influenciaram muito o pensamento teológico da Igreja Católica. Sobretudo seus trabalhos mais conhecidos e de forte presença em todo o pensamento medieval: *Confissões* e *A Cidade de Deus*.

Nas *Confissões*, a sua obra de maior interesse literário, encontramos um diálogo contínuo com Deus, em que Santo Agostinho narra a sua vida – a trajetória de sua infância, juventude, maturidade –, formação intelectual, relações com a progenitora Mônica e, fundamentalmente, sua experiência espiritual, que acompanha a sua conversão e autopenitência diante das seduções, devassidões e incertezas do mundo pagão. Esta autobiografia espiritual é famosa pela sua introspecção psicológica e pela profundidade e agudeza das suas especulações.



BOTTICELLI, Sandro (1445-1510).
Santo Agostinho, 1480.
Afresco, 15,2 cm x 11,2 cm.

Ognissanti, Florença

Em *A Cidade de Deus*, a sua obra mais ponderada, Santo Agostinho adota a postura de um filósofo da história universal em busca de um sentido unitário e profundo para ela. A sua atitude é, sobretudo, moral: há dois tipos de homens, os que amam a si mesmos até ao desprezo de Deus (estes são a cidade terrena) e os que amam a Deus até ao desprezo de si mesmos (estes são a cidade de Deus). Cidade de Deus e Cidade dos Homens são duas dimensões claramente distintas na teoria agostiniana; a primeira caracterizada pelo amor a Deus acima de todas as coisas, e a segunda, pelo desvirtuamento que projeta o amor de si em um plano principal. A Cidade dos Homens não é exatamente a sociedade humana na Terra, tampouco a Cidade de Deus tem sua localização no céu. Os seres humanos, destinados à salvação, e os anjos que permanecem fiéis a Deus compõem a comunidade celestial, enquanto a comunidade terrena é formada por anjos decaídos e por homens que insistem no erro de amar as criaturas em desprezo ao Criador.

Santo Agostinho insiste na impossibilidade de o Estado chegar a uma autêntica justiça se não se reger pelos princípios morais do cristianismo. De modo que, na concepção agustiniana, se dá uma primazia da Igreja sobre o Estado. Por outro lado, há que ter presente que na sua época (séculos IV e V) o Estado romano está sumamente debilitado perante a Igreja.

3º Período: Filosofia Medieval (séc. VIII ao séc. XIV)

Filosofia Medieval é a forma como denominamos a filosofia que se desenvolveu na Europa entre os séculos VIII e XIV, no que historicamente é conhecido como a Idade Média; por isso chama-se medieval, para fazer alusão à época em que ela aconteceu. A maior característica deste período é a interferência da Igreja Católica em todas as áreas do conhecimento, e por este motivo tornou-se comum encontrarmos tanto temas religiosos como os próprios membros da Igreja fazendo parte dos filósofos que vieram a dar vida a este momento da história da filosofia.

Assim como a Filosofia Antiga, a Filosofia Medieval possuía suas características próprias – o que contribuía para que ela pudesse ser analisada não apenas por uma época diferente, mas também por uma forma de pensar mais analítica – que em sua maioria, eram ligadas a um mesmo foco: a religiosidade. As principais questões debatidas pelos filósofos medievais foram:

- a relação entre a razão e a fé;
- a existência e a natureza de Deus;
- fronteiras entre o conhecimento e a liberdade humana;
- individualização das substâncias divisíveis e indivisíveis.

O que podemos constatar é que os principais temas estão diretamente relacionados a fé, o que prova o argumento da intervenção da Igreja neste período da filosofia. Relacionar a fé, que é algo sem uma explicação lógica ou científica, com a razão, que busca o entendimento das coisas, era uma forma que a Igreja tinha de tentar explicar o que até ali não tinha explicação. A existência e a natureza de Deus, para a filosofia, era algo complexo, pois se partimos do princípio de que a filosofia busca explicar as coisas desde o seu início, procurando formas de provar o que está sendo apresentado, agora era uma obrigação filosófica explicar a existência de Deus.

Nesse período, não era difícil encontrar pensadores que defendessem a tese de que fé e religião não deveriam estar subordinadas uma a outra, de que o indivíduo não precisaria ter sua fé ligada diretamente às racionalidades com as quais está acostumado a viver.

Aproximadamente a partir do século X, a Filosofia Medieval passa a ser conhecida como Escolástica. Surgem as universidades e os centros de ensino, e o conhecimento é guardado e transmitido de forma sistemática.

Filosofia Escolástica (final do séc. IX ao séc. XV)

Um fator muito importante para se compreender as mudanças que a filosofia passou do século III ao X foi que, com o avanço dos povos bárbaros e o conseqüente enfraquecimento e queda do Império Romano, as cidades europeias foram diminuindo de tamanho e importância. Assim, a filosofia, que até então se mostrara como uma prática urbana, teve que passar por inúmeras transformações para se adaptar a essa nova estrutura: ela iria se abrigar nos mosteiros.

Desta forma, é somente a partir do surgimento e consolidação das ordens monásticas e da estabilidade político-econômica que a Europa alcançara na virada do milênio que a Filosofia Escolástica será desenvolvida. A Igreja Romana, cada vez mais forte, dominava a Europa, organizava cruzadas, criava as primeiras universidades e escolas. No ano de 1070, o papa Gregório VII definiu que todas as comunidades monásticas e catedrais deveriam ter uma escola que ensinasse Gramática, Lógica, Retórica, Música, Geometria, Aritmética e Física. Essas “matérias” eram consideradas como preparatórias para o estudo da Teologia e Filosofia.

O pensamento desenvolvido nessas escolas foi denominado **Escolástica** e, aos poucos, foi se tornando algo como uma filosofia oficial da Igreja. Aristóteles aparece agora como a principal referência filosófica, sendo muitas vezes denominado simplesmente como “O Filósofo”, indicando a sua importância para a época. **Santo Anselmo** (1033-1109), **Santo Tomás de Aquino** (1225-1274) e **Guilherme de Ockham** (1300-1350) são alguns dos principais nomes da Escolástica.

O auge da Escolástica se dá com Santo Tomás de Aquino, no séc. XIII, que busca sua fundamentação na sabedoria de Aristóteles. A obra de Aristóteles – metafísica, lógica, científica, filosófica – passa a ser de grande interesse na época. Santo Tomás de Aquino vai desenvolver um sistema compatibilizando o aristotelismo e o cristianismo.

Há uma intensa retomada da Filosofia Grega, mas com o objetivo de compatibilizar e reinterpretar o conhecimento clássico de Aristóteles à luz das crenças religiosas.

Nesse período, a Igreja Católica consolidou sua organização religiosa e difundiu o cristianismo, preservando muitos elementos da cultura greco-romana. É a época feudal, em que a Igreja Católica surge como força espiritual, política, econômica e cultural. Apoiada em sua forte influência religiosa, a Igreja passou a exercer importante papel político na sociedade medieval; ampliou sua riqueza, tornando-se dona de quase um terço das terras da Europa e, no plano cultural, estabeleceu que a fé era o pressuposto da vida espiritual.

Fé significava a crença irrestrita às verdades reveladas por Deus. É a religião que vai fundamentar os princípios morais e políticos da sociedade medieval.

A principal discussão desse momento é a questão da razão e da fé, da filosofia e da teologia. As investigações científicas e filosóficas não poderiam contrariar as verdades estabelecidas pela fé católica. Nesse período surge propriamente a filosofia cristã, a **teologia**. Seu tema principal é a prova da existência de Deus e da imortalidade da alma, ou seja, a prova racional da existência do Criador e do espírito imortal, com o propósito de explicar a relação homem e Deus, razão e fé, corpo e alma, e o Universo como hierarquia de seres, onde os superiores – divinos – dominam os inferiores.

A doutrina cristã como um sistema unificado, racional e logicamente construído passou, também, por críticas e modificações. Ao final do período medieval (séc. XIV), surgem novos pensamentos que defendem a separação radical entre a razão e a fé, entre filosofia e teologia.

Com a crise do pensamento escolástico, surge um pensamento inovador, o Humanismo Renascentista e a Filosofia Moderna, com suas novas teorias filosóficas e científicas, resultando em profundas transformações no mundo europeu.

Santo Tomás de Aquino (1225-1274)

É a figura mais destacada do pensamento cristão medieval. A filosofia de Tomás de Aquino é conhecida como tomismo. Sua obra é imensa, destacando-se, todavia, duas. Na *Suma Contra os Gentios*, defende a compatibilidade entre a razão e a fé, em que procurou conciliar a filosofia aristotélica com os princípios do cristianismo em oposição à tendência que predominava na época e que adotava um cristianismo de inspiração neoplatônica. Na *Suma Teológica*, baseado no pensamento aristotélico, elabora os princípios da doutrina cristã em uma obra monumental; trata da natureza de Deus, da moralidade e da missão de Jesus. Nessas e outras obras, deu corpo à visão cristã do mundo que foi ensinada nas universidades até meados do século XVII, e nas quais se incluíam as ideias científicas de Aristóteles. Seu objetivo maior: não contrariar a fé. Para isso, reviveu grande parte do pensamento aristotélico, com a finalidade de nele buscar elementos racionais que explicassem os principais aspectos da fé cristã.



BARTOLOMMEO, Fra (1472-1517). Tomás de Aquino. Pintura.

Enfim, fez de Aristóteles um instrumento a serviço da religião católica, ao mesmo tempo em que transformou essa filosofia em uma síntese original. Santo Tomás não adaptou a filosofia de Aristóteles ao cristianismo, mas sim fez uma sistematização da doutrina cristã.

A filosofia de Tomás de Aquino apresenta a importância do discurso sobre a essência, mas não deixa de afirmar que mais fundamental ainda é a especulação em torno do ser. Desse modo, a filosofia tomista aponta para a precedência do ser e, portanto, de Deus sobre as essências que passaram a existir graças à natureza do Criador.

Baseados no aristotelismo, os argumentos de Santo Tomás revalorizam o mundo natural, pois este é criação de Deus. É assim que podemos conhecer Deus: por meio de sua criação. Isso justifica o interesse pela investigação científica do mundo natural, que surge na época e vai transformar a Europa nos séculos seguintes.



Exercícios

01. (UFU-09/2002) Agostinho formula sua teoria do conhecimento a partir da máxima "creio tudo o que entendo, mas nem tudo que creio conheço". A posição do autor não impede que cada um busque a sabedoria com suas próprias forças; o que ainda não é conhecido pode ser revelado mediante a consulta da verdade interior.

Com base neste argumento, assinale a alternativa correta.

- A) É incorreto afirmar que a verdade interior que soa no íntimo das pessoas seja o Cristo; e o arbítrio humano é consultado sobre o que não se conhece.
- B) As coisas que ainda não conhecemos só podem ser percebidas pelos sentidos do corpo e podem ser comunicadas facilmente por intermédio das palavras.
- C) A verdade interior está à disposição de cada um e encontra-se armazenada na memória, de modo que o uso da memória dispensa a contemplação da luz interior.
- D) A verdade interior só pode ser percebida pelo homem interior, que é iluminado pela luz desta verdade interior, que é contemplada por cada um.

02. (UFU/2008) Leia o trecho extraído da obra *Confissões*.

Quem nos mostrará o Bem? Ouçam a nossa resposta: Está gravada dentro de nós a luz do vosso rosto, Senhor. Nós não somos a luz que ilumina a todo homem, mas somos iluminados por Vós. Para que sejamos luz em Vós os que fomos outrora trevas.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões IX*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 4. 10. p.154. Coleção Os Pensadores.

Sobre a doutrina da iluminação de Santo Agostinho, marque a alternativa correta.

- A) A irradiação da luz divina faz com que conheçamos imediatamente as verdades eternas em Deus. Essas verdades, necessárias e eternas, não estão no interior do homem, porque seu intelecto é contingente e mutável.
- B) A irradiação da luz divina atua imediatamente sobre o intelecto humano, deixando-o ativo para o conhecimento das verdades eternas. Essas verdades, necessárias e imutáveis, estão no interior do homem.
- C) A metáfora da luz significa a ação divina que nos faz recordar as verdades eternas que a alma possuía antes de se unir ao corpo.
- D) A metáfora da luz significa a ação divina que nos faz recordar as verdades eternas que a alma possuía e que nela permanecem mediante os ciclos da reencarnação.

03. (UFF/2012) A grande contribuição de Tomás de Aquino para a vida intelectual foi a de valorizar a inteligência humana e sua capacidade de alcançar a verdade por meio da razão natural, inclusive a respeito de certas questões da religião. Discorrendo sobre a "possibilidade de descobrir a verdade divina", ele diz que há duas modalidades de verdade acerca de Deus. A primeira refere-se a verdades da revelação que a razão humana não consegue alcançar, por exemplo, entender como é possível Deus ser uno e trino. A segunda modalidade é composta de verdades que a razão pode atingir, – por exemplo, que Deus existe.

A partir dessa citação, indique a afirmativa que melhor expressa o pensamento de Tomás de Aquino.

- A) A fé é o único meio do ser humano chegar à verdade.
- B) O ser humano só alcança o conhecimento graças à revelação da verdade que Deus lhe concede.
- C) Mesmo limitada, a razão humana é capaz de alcançar certas verdades por seus meios naturais.
- D) A filosofia é capaz de alcançar todas as verdades acerca de Deus.
- E) Deus é um ser absolutamente misterioso, e o ser humano nada pode conhecer d'Ele.

04. (Enem/2015) Ora, em todas as coisas ordenadas a algum fim, é preciso haver algum dirigente, pelo qual se atinja diretamente o devido fim. Com efeito, um navio, que se move para diversos lados pelo impulso dos ventos contrários, não chegaria ao fim do destino, se por indústria do piloto não fosse dirigido ao porto; ora, tem o homem um fim, para o qual se ordenam toda a sua vida e ação. Acontece, porém, agirem os homens de modos diversos em vista do fim, o que a própria diversidade dos esforços e ações humanas comprova. Portanto, precisa o homem de um dirigente para o fim.

AQUINO, T. Do reino ou do governo dos homens: ao rei do Chipre. *Escritos políticos de São Tomás de Aquino*. Petrópolis: Vozes, 1995. Adaptado.

No trecho citado, Tomás de Aquino justifica a monarquia como o regime de governo capaz de

- A) refrear os movimentos religiosos contestatórios.
- B) promover a atuação da sociedade civil na vida política.
- C) unir a sociedade tendo em vista a realização do bem comum.
- D) reformar a religião por meio do retorno à tradição helenística.
- E) dissociar a relação política entre os poderes temporal e espiritual.

05. (UFU/2010) A filosofia de Agostinho (354-430) é estreitamente devedora do platonismo cristão milanês: foi nas traduções de Mário Vitorino que leu os textos de Plotino e de Porfírio, cujo espiritualismo devia aproximá-lo do cristianismo. Ouvindo sermões de Ambrósio, influenciados por Plotino, que Agostinho venceu suas últimas resistências (de tornar-se cristão).

PEPIN, Jean. *Santo Agostinho e a patrística ocidental*. In: CHÂTELET, François (org.) *A Filosofia medieval*. Rio de Janeiro Zahar Editores: 1983, p. 77.

Apesar de ter sido influenciado pela filosofia de Platão, por meio dos escritos de Plotino, o pensamento de Agostinho apresenta muitas diferenças se comparado ao pensamento de Platão.

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, uma dessas diferenças.

- A) Para Agostinho, é possível ao ser humano obter o conhecimento verdadeiro, enquanto, para Platão, a verdade a respeito do mundo é inacessível ao ser humano.
- B) Para Platão, a verdadeira realidade encontra-se no mundo das Ideias, enquanto para Agostinho não existe nenhuma realidade além do mundo natural em que vivemos.
- C) Para Agostinho, a alma é imortal, enquanto para Platão a alma não é imortal, já que é apenas a forma do corpo.
- D) Para Platão, o conhecimento é, na verdade, reminiscência, a alma reconhece as Ideias que ela contemplou antes de nascer; Agostinho diz que o conhecimento é resultado da Iluminação divina, a centelha de Deus que existe em cada um.

06. (PUC-Camp/2012) Preparando seu livro sobre o imperador Adriano, Marguerite Yourcenar encontrou numa carta de Flaubert esta frase: "Quando os deuses tinham deixado de existir e o Cristo ainda não viera, houve um momento único na história, entre Cícero e Marco Aurélio, em que o homem ficou sozinho". Os deuses pagãos nunca deixaram de existir, mesmo com o triunfo cristão, e Roma não era o mundo, mas no breve momento de solidão flagrado por Flaubert o homem ocidental se viu livre da metafísica – e não gostou, claro. Quem quer ficar sozinho num mundo que não domina e mal compreende, sem o apoio e o consolo de uma teologia, qualquer teologia?

Luiz Fernando Veríssimo. *Banquete com os deuses*.

A compreensão do mundo por meio da religião é uma disposição que traduz o pensamento medieval, cujo pressuposto é

- A) o antropocentrismo: a valorização do homem como centro do Universo e a crença no caráter divino da natureza humana.
- B) a escolástica: a busca da salvação através do conhecimento da filosofia clássica e da assimilação do paganismo.
- C) o panteísmo: a defesa da convivência harmônica de fé e razão, uma vez que o Universo, infinito, é parte da substância divina.
- D) o positivismo: submissão do homem aos dogmas instituídos pela Igreja e não questionamento das leis divinas.
- E) o teocentrismo: concepção predominante na produção intelectual e artística medieval, que considera Deus o centro do Universo.

07. (UFES/2004) Em fevereiro de 1076, o papa Gregório VII, reagindo contra a decisão dos bispos alemães de se proclamarem independentes da Santa Sé, excomunga Henrique IV, soberano do Sacro Império Romano-Germânico, nos seguintes termos: O episódio faz parte de um dos mais importantes conflitos ocorridos no Período Medieval entre o papado e o Império, denominado "Questão das Investiduras" (1075-1122), que consistiu

- A) na retomada, por parte da Santa Sé, das propriedades fundiárias concedidas em arrendamento aos príncipes alemães para que investissem na produção agrícola, destinada a abastecer os núcleos urbanos emergentes.
- B) na decisão de Gregório VII, proclamada diante dos bispos reunidos no Concílio de Avignon, de impedir por todos os meios as investidas de Henrique IV e seus aliados contra a Itália, o que levou o papado a buscar o apoio da monarquia francesa.
- C) na condenação, por parte de Gregório VII, da interferência do poder laico na composição do clero, especialmente no que dizia respeito à indicação dos bispos pelos soberanos.
- D) no repúdio de Henrique IV às pretensões do papado de sagrar os cavaleiros alemães, uma vez que historicamente tal prerrogativa cabia apenas ao imperador, como herdeiro legítimo dos Césares romanos.
- E) na cisão entre a Santa Sé e a monarquia alemã, por conta da revelação de que agentes papais teriam penetrado no território do Sacro Império Romano-Germânico com o objetivo de sublevar a nobreza contra Henrique IV.

08. (JAS) Embora a supracitada verdade da fé cristã exceda a capacidade da razão humana, os princípios que a razão tem postos em si pela natureza não podem ser contrários àquela verdade.

AQUINO, Tomás de. *Suma contra os Gêntios*. Tradução D. Odílio Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luís A. de Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. I, VII, 1 (42).

Tomás de Aquino não via contradição entre fé e razão, pois se a ideia é realmente verdade, ela não pode estar contra a revelação nem a razão humana, já que esta também foi dada por Deus. Desse modo, o homem, conhecedor da verdade, é entendido como

- A) passivo diante da revelação dada por Deus e pela Igreja, uma vez que, como as verdades são eternas e imutáveis, estas só podem ser conhecidas pela concessão divina e nada mais.
- B) pecador e, desse modo, por causa de sua natureza má, ele não pode alcançar as verdades divinas, pois estas estão além de sua capacidade.
- C) pecador, porém com a capacidade de entender racionalmente as verdades divinas, desde que a razão não contrarie a fé.
- D) filho de Deus, portanto capaz de alcançar as verdades sobre o mundo e da fé somente pela racionalidade, não necessitando, para isso, do auxílio divino.
- E) capaz de, pela ciência, alcançar um conhecimento do mundo que exceda a própria revelação, uma vez que as essências ou verdades estão nas coisas e são compreendidas pela investigação científica.

09. (UFFS/2010) A respeito daquilo que Santo Tomás de Aquino pensa sobre a relação entre fé e razão, através da correlação entre teologia e filosofia, assinale a alternativa correta.

- A) A filosofia pode contestar a teologia.
- B) A teologia, de acordo com a filosofia, determina Deus como uma ideia reguladora da razão.
- C) A teologia tem de se subordinar à filosofia.
- D) Não há nenhuma relação entre fé e razão.
- E) A fé orienta a razão.

Resoluções

01. Podemos afirmar que a permeabilização da teoria do conhecimento à síntese entre fé e razão se refrata nas dicotomias que perfazem grande parte dos principais temas gnoseológicos agostinianos, a saber: corpo e alma, homem exterior e homem interior, conhecimento sensível e conhecimento racional, ciência e sabedoria, realidades temporais e realidades eternas. Para Agostinho, haveria somente dois problemas fundamentais na filosofia, mas que no fundo são apenas um: Deus e o homem. A distinção entre homem exterior e homem interior remete, respectivamente, àquela mais fundamental entre corpo e alma. Temos, por um lado, a exterioridade do corpo – homem exterior –, e por outro a interioridade da alma – homem interior. Para Agostinho, a alma denota o princípio vital que anima os corpos, assim como também uma substância racional. Nesse sentido, a coordenação entre as ações do homem exterior e do homem interior se realiza nos termos de uma razão (alma) que age como um juiz dos dados colhidos pelos sentidos. A alma, ao impor sua superioridade em relação ao corpo, submete-se apenas àquele que lhe é superior, Deus.

Resposta: D

02. Essa doutrina da iluminação divina responde como o homem recebe de Deus o conhecimento das verdades eternas, ou como diria Platão, as verdades inteligíveis. Dessa forma, o verdadeiro é o que é previamente iluminado pela luz divina, e que é algo extraído da própria alma, mas que está de modo infuso. Pode-se afirmar que a iluminação é a potência que age no intelecto do homem para se chegar à verdade imutável. Agostinho não rejeita o conhecimento proveniente das sensações, mas o coloca em um patamar inferior, entendendo o intelecto como superior, mas sendo ambos fonte de conhecimento. É na realidade uma reinterpretção do platonismo.

Resposta: B

03. Tomás de Aquino, ainda que considere a razão humana limitada, não despreza as suas possibilidades de conhecimento. Não é por acaso que ele desenvolve as cinco vias de demonstração racional da existência de Deus. Verifica-se, portanto, como a teoria do conhecimento de Tomás de Aquino está intimamente relacionada com a sua intenção de superar a dicotomia entre fé e razão.

Resposta: C

04. Tomás de Aquino é um teólogo-filósofo da Idade Média, que teve por base de seus pensamentos as teorias aristotélicas. Seu objetivo é justificar a autoridade dos reis, pois esta era a forma de governo predominante na Europa medieval, sendo – ao menos em tese – direcionada à realização do bem comum.

Resposta: C

05. Tanto Agostinho quanto Platão acreditavam que era possível alcançar o conhecimento verdadeiro. Platão acredita que além do mundo sensível há o mundo das ideias; já Agostinho defende que, além do mundo sensível, há a cidade de Deus. Tanto Agostinho quanto Platão acreditavam na imortalidade da alma. Para Platão conhecer é necessariamente relembrar o que já foi visto no mundo das ideias. Agostinho acredita que todo conhecimento é oriundo da iluminação divina.

Resposta: D

06. A concepção teocêntrica do universo foi concebida a partir de uma gradativa e minuciosa articulação de pensamentos e tradições filosóficas e científicas antigas, sobretudo gregas, com a estrutura teológica e filosófica do cristianismo. A metafísica e a física de Aristóteles, combinadas com o pensamento de São Tomás de Aquino, no século XII, produziram uma interpretação monumental sobre a criação e o funcionamento do cosmos que só seria contestada a partir do século XVI.

Resposta: E

07. As investiduras eram atos de nomeação de membros do clero católico, isto é, os bispos eram “investidos” de autoridade eclesial pelo Papa. A “querela” entre o papado e o rei Henrique IV, do Sacro Império Romano-Germânico, ocorreu exatamente quando esse último pretendeu exercer o mesmo poder que antes era exclusivo da Igreja. Essa primeira contenda só teve fim com a Concordata de Worms, em 1122.

Resposta: C

08. Para Tomás de Aquino, o papel da razão é demonstrar e ordenar os mistérios revelados pela fé. Razão e fé puderam ser, harmonizadas, apesar de serem distintas, mesmo no que diz respeito às verdades que podem alcançar, conforme afirma Tomás de Aquino em *Súmula contra os gentios*. Com efeito, existem a respeito de Deus verdades que ultrapassam totalmente as capacidades da razão humana. Uma delas é, por exemplo, que Deus é trino e uno. Ao contrário, existem verdades que podem ser atingidas pela razão: por exemplo, que Deus existe, que há um só Deus etc. Estas últimas verdades, os próprios filósofos as provaram por via demonstrativa, guiados que eram pelo lume da razão natural.

Resposta: C

09. De acordo com Santo Tomás a razão não contraria a fé, pois tudo, quando de fato busca a verdade, leva à verdade que está sempre de acordo com a fé, uma vez que Deus é a Verdade. As verdades de fé, segundo Santo Tomás, por sua vez, estão também de acordo com a razão, pois, as verdades de fé dizem respeito àquilo que Deus revela ao homem, e tudo isso é sempre verdadeiro e não pode ser falso, pois Deus não pode enganar-se e nem pode enganar aos outros, pois Ele é a Verdade e é Bom. A razão é algo natural, uma faculdade natural que Deus concedeu ao homem. Já a fé é algo que o homem recebe como Graça, ou seja, é algo sobrenatural. Assim, como tudo que é sobrenatural é superior ao que é natural, deve-se considerar que a fé é superior à razão e por este motivo a orienta.

Resposta: E

10. Deus, cuja essência é Ato Puro de Existir, só pode ser alcançado por nossa inteligência imperfeita mediante um outro ato, a saber, o ato do juízo, no qual percebermos o ato de existir dos entes finitos, que nos forcem, pela sua contingência, a elevar-nos ao Ato Puro de Existir. Ora, o plano do juízo não se identifica com o plano estático dos conceitos, que procede da apreensão passiva das essências finitas das coisas sensíveis. Desta, sorte, chegar a Deus pela via de juízo não equivale a definir a sua essência. Em outras palavras, por meio de um juízo, não apreendemos a essência infinita da deidade. Chamá-lo, pois, de Ato Puro de Existir não corresponde a apresentar um conceito da Sua essência. Neste juízo, afirmamos apenas que ato simples de existir existe de fato, mas nos permanece completamente desconhecido o *quomodo* este seja em si mesmo. Com outras palavras ainda, permanece-nos inacessível o *quid est* deste ato simples e puro de existir. Um ser absolutamente simples ou carente de essência concebível à parte de seu existir não é um objeto acessível ao entendimento humano.

Resposta: C



11. Agostinho estabelece uma ordem de perfeição ou distinção dos seres para alcançar o conhecimento que nos levaria a uma vida beata. O corpo é mortal e a alma é seu princípio de vida. Acima da razão (do homem) ainda há verdades que não dependem da subjetividade, pois suas leis são universais e necessárias: as matemáticas, a estética e a moral. Só acima destas está Deus, que as cria, ordena e possibilita o seu conhecimento, que deve, agora, ser buscado na interioridade do homem.

Nessa ordem e por um processo de interiorização e busca, pode-se encontrar essas verdades porque Agostinho admite que Deus as ilumina, estando elas já anteriormente em nosso espírito. A doutrina da Iluminação divina caracteriza-se por uma luz que não é material e que se atinge quando do encontro com o conhecimento da verdade para que o homem possa ter uma vida feliz e beata. O lembrar-se disto, isto é, o recordar-se de um conhecimento prévio é o que o filósofo/teólogo denomina de rememoração de Deus (herança da teoria da reminiscência platônica).

Resposta: E

12. Ao interno do pensamento escolástico, Tomás de Aquino procurou superar a ambiguidade entre o poder secular da comunidade política e o poder religioso da Igreja. Para tanto, o filósofo desconsidera a divisão que se fazia entre fé e razão. Para ele, o homem era naturalmente bom e um animal sociável, haveria senso de justiça e a partir deste fundaria a comunidade política. Com esta premissa, Tomás de Aquino introduz ideias aristotélicas como a de comunidade política natural, de lei humana política e de direito natural no pensamento filosófico e teológico da época. O que há aqui, portanto, é o intuito de comprovar como Igreja e Estado não são antagônicos.

Resposta: D

13. Com o intuito de conciliar a fé com a razão, Tomás de Aquino parte da realidade sensível para estabelecer cinco vias para a demonstração racional da existência de Deus.

Resposta: D

14. Uma das maiores contribuições de São Tomás de Aquino para a história da filosofia é a defesa de que, não obstante a importância central da fé, algumas verdades teológicas podem também ser atingíveis unicamente pela razão. Por exemplo, a existência de Deus, para ele, é uma verdade que o homem pode conhecer tanto pela fé quanto pela razão. Para isso, o autor elenca diversos argumentos, fundamentados em Aristóteles, para provar, de maneira racional, que Deus existe. Um deles é o argumento do Primeiro Motor: se, na concepção física de sua época (hoje não mais aceita), para que exista o movimento é necessária uma força externa que fazia o universo se mover sem, no entanto, ser movida essa força primeira, esse Primeiro Motor, seria Deus. Entretanto, vale lembrar: para o autor, outras verdades são atingíveis apenas pela fé: é o caso, segundo o texto, da Santíssima Trindade (Deus ser, ao mesmo tempo, uno e trino, ou seja, Pai, Filho e Espírito Santo), um dogma, segundo Tomás de Aquino, sagrado e incompreensível para nossa razão.

Resposta: B

15. Santo Agostinho, em muitos aspectos, apropria-se do dualismo e do inatismo platônico para formular a teologia cristã. Agostinho parte da noção de um Deus que habita nossa alma: "Deus é mais íntimo a nós do que nós em nós mesmos".

Nesse sentido, o exercício da fé, para esse filósofo, se processa de maneira bastante pessoal, como se percebe pela leitura de suas Confissões, na qual ele diz que Deus estava "dentro de mim, e eu lá fora a procurar-te". Agostinho, de maneira alguma desvaloriza a razão; mas, para ele, a Verdade plena só é encontrada se o pensamento humano estiver iluminado (daí o nome Teoria da Iluminação) por essa fé que, como vimos, habita no interior de nossa alma.

Resposta: E